

ANALISANDO “O LEITOR”: A MULTIMODALIDADE COMO INTERSECÇÃO ENTRE LETRAMENTO E ANALFABETISMO

Elilson Gomes de Nascimento
Eva Marinho de Souza¹

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Para transitar pelos meios sociais é preciso ser alfabetizado? Necessariamente, não. Interação humana, (re)conhecimento espacial, visual, auditivo, gustativo são apenas alguns dos multimodos de “se ler” para além do domínio da escrita. O presente trabalho pretende mostrar, à luz da perspectiva da multimodalidade, que um indivíduo não alfabetizado pode transitar em ambientes letrados pela aquisição social das linguagens multimodais. Para tal, partiremos a uma análise da obra *O Leitor* (do alemão Bernhard Schlink), adaptada para o cinema em 2008, sob direção de Stephen Daldry, que retrata, dentre outros aspectos, a aquisição da escrita. A partir das considerações de Kress (2012) e Dionísio (2007, 2011), no que se refere à multimodalidade, e Soares (2006), no que diz respeito a letramento e analfabetismo, verificamos que, de forma objetiva, a análise da obra nos permite ilustrar como a multimodalidade pode promover o trânsito social entre letrados e não alfabetizados.

Palavras-chave: Analfabetismo; Letramento; Multimodalidade; O Leitor.

Abstract: To transit through social media is required to be literate? Not necessarily. Interaction, spatial (re) cognition, visual, auditory, gustatory are just some of multimode “to read” beyond the province of writing. This paper intends to show, from the perspective of multimodality, that a person can move environment social

1. Trabalho produzido como parte da avaliação da disciplina Português V - Letramentos em Língua Portuguesa, ministrada pela Prof^a Dra. Siane Góis, que também orientou o artigo. Este trabalho também teve contribuições significativas da Prof^a Dra. Angela Dionísio e é dedicado à memória de Maria Luíza Duarte, que, analfabeta, ensinou a ler o mundo.

relations for using the multimodal languages. For such, we begin an analysis of “The Reader” (written by the German Bernhard Schlink), made into a film in 2008, directed by Stephen Daldry, that portrays, among other aspects, the acquisition of writing. From considerations of Kress (2012) and Dionisio (2007, 2011), in relation to multimodality, and Soares (2006), regarded to literacy and illiteracy, we find that, objectively, the analysis of the book could illustrate how multimodality can promote a social relation between literate and illiterate.

Keywords: Illiteracy; Literacy; Multimodality; The Reader.

1. Introdução

Letramento e analfabetismo, mais que questões teóricas, são realidades correlatas. O analfabetismo representa o foco de combate de qualquer governo em suas plataformas educacionais; o letramento, por sua vez, representa a principal tática desse combate. Analfabetismo, grosso modo, refere-se à não aquisição das ferramentas de leitura e escrita por um indivíduo, enquanto letramento conceitua o conjunto de práticas e situações sociais que se relacionam à utilização e apreensão de tais ferramentas. Mas até que ponto analfabetismo pode ser um conceito “pleno”?! Isto é, até que ponto é preciso ser alfabetizado para agir socialmente? Até que ponto essa “plenitude” social requer o saber escrever e o saber ler? Quando um analfabeto realiza pagamentos, identifica cores e transita de maneira eficaz entre sua comunidade ou cidade, ele não opera modos de “leitura”?!

É evidente que a aquisição alfabética funciona como uma grande “introdução” ao(s) letramento(s). E, quanto maior o nível de letramento nas mais diversas situações comunicativas, maior será a agência para transitar em sociedade, pois maior será o nível de agência no uso dos gêneros textuais, os “frames para a ação social” (BAZERMAN, 2011, p. 23), os frames que constroem o mundo. Provavelmente, a agência que ler e escrever garantem no trato social é a distinção substancial entre letrados e analfabetos.

Contudo, analfabetos podem viver harmonicamente em ambientes tipicamente “letrados”, já que, se por um lado não há domínio das ferramentas verbais – de escrita e leitura –, por outro lado há a utilização de outros modos de inserção cultural e de leitura: quer seja pela consciência espacial, pela aquisição dos conhecimentos numérico e cromático, pelo reconhecimento de símbolos urbanos – do semáforo a estabelecimentos –, quer seja, principalmente, pela interação humana.

Desse modo, levantamos a hipótese de que esses multimodos de leitura viabilizam o ponto em comum entre letrados e analfabetos. De acordo com Dionísio (2011), as ações sociais, bem como os gêneros, enquadres para realização dessas ações, escritos e orais, são fenômenos multimodais, pois “quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografias, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.” (p. 139).

Nessa esfera, a obra *O Leitor* pode constituir um exemplo capital de como a multimodalidade atesta a relação entre analfabetos e letrados. Lançado originalmente em 1995, sob autoria de Bernhard Schlink, o livro tornou-se um dos títulos mais populares da literatura alemã contemporânea, atingindo a grande massa em 2008, quando Stephen Daldry dirigiu a bem-sucedida, em termos de bilheteria e crítica especializada, adaptação ao cinema. Mantendo o título original do livro e um enredo fidedigno, reservadas as questões semióticas que uma adaptação desse tipo suscita, o filme, estrelado por Kate Winslet, David Kross e Ralph Fiennes, traz, assim como no livro, a relação entre Hanna Schmitz e Michael Berg, analfabeta e leitor, tratando, dentre outras questões, com a problemática do analfabetismo e a função social da escrita.

Assim sendo, o presente artigo partirá de uma fundamentação teórica que conceitue e construa a inter-relação entre os conceitos de

analfabetismo, letramento e multimodalidade para então, na análise dos dados, exemplificarmos tais questões a partir de trechos da obra *O Leitor*.

2. Fundamentação Teórica

Analfabetismo é um conceito familiar, presente em nossa sociedade há muito tempo e modificou-se com a mudança do contexto social em nosso país. A grande maioria da população já compreende intuitivamente o que se refere quando a palavra em questão é citada em algum contexto. Através da construção morfológica, já conseguimos compreender de maneira elucidativa o que significa *analfabetismo*.

O prefixo *-a* indica negação ou privação de algo enquanto o sufixo *-ismo* indica um estado ou modo de ação. Ou seja, podemos considerar que *analfabetismo* é um estado ou condição daquele que é *analfabeto*, como aponta Soares (2006). E *analfabeto* é aquele que não sabe ler e escrever, mais profundamente no significado da palavra, é aquele que não conhece o alfabeto. Nos processos educacionais, encontramos também *alfabetizar* e *alfabetização*, que se relacionam como formas de tornar o indivíduo alfabetizado. No Brasil, existe um termo amplamente utilizado, o *analfabeto funcional*, que designa aquele que, apesar de conseguir decodificar minimamente letras, não consegue compreender frases ou textos e não consegue interpretar os textos que lê.

É evidente que existe uma grande confusão entre os termos *alfabetização* e *letramento*, o último será explicado de forma mais detalhada adiante, porém é necessário compreender que os dois designam coisas distintas.

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem saber ler e escrever, ser *letrado* (...). Ou seja, a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna *alfabetizada* – e que passa a fazer uso da

leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna *letrada* – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é *analfabeta* – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é *alfabetizada*, mas não é *letrada*, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita. (SOARES, 2006, p. 360. Grifos da autora).

Atualmente, o nível de analfabetos no Brasil, para contextualizar nossa realidade, está diminuindo, porém o número ainda é grande. O IBGE informou que, em 2009, o número de analfabetos era de 14,1 milhões, a maioria concentrada entre homens, maiores de 25 anos e localizados na Região Nordeste. Existem programas que procuram diminuir mais ainda esse número, como o Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em países desenvolvidos o número de analfabetos chega a praticamente zero, analfabetismo é considerado uma marca do subdesenvolvimento.

Historicamente, desde o Brasil Colônia, há o problema do analfabetismo, contudo foi por muito tempo pouco relevante para maioria, pois o contexto social não exigia que o indivíduo fosse capaz de ler e escrever. Até o ano de 1940, era considerada analfabeta apenas a pessoa que não soubesse escrever seu próprio nome. Posteriormente, em 1950, o censo começou a considerar analfabeta a pessoa que não soubesse ler e escrever um bilhete simples. A partir desse momento, podemos considerar que o analfabetismo passou a ser vinculado a um ponto de vista de práticas sociais.

Letramento, ao contrário de *analfabetismo*, é uma palavra que, apesar de existirem documentos comprovadores de sua utilização no nosso vocabulário, pode ser considerada nova, devido ao “novo” conceito que carrega. O significado atribuído atualmente à palavra *letramento* é considerado uma tradução de palavra inglesa *literacy*, que, em português, significa *a condição de ser letrado*. Ou seja, letramento refere-se a um estado em que o indivíduo não apenas decodifica sentenças, frases e textos, mas que consegue

fazer uso das competências de leitura e de escrita com frequência e êxito. Como se trata de um conceito novo, existe uma dificuldade de encontrar uma definição precisa. Neste trabalho adotaremos a perspectiva que “(...) letramento é o que as pessoas *fazem* com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (SOARES, 2006, p. 72).

Pessoas que utilizam essas habilidades são consideradas indivíduos letrados. Além de ser capaz de utilizar a leitura e a escrita, quem é letrado possui um *status* social diferenciado daquele que é considerado analfabeto, pois carrega a imagem de que sabe atuar de maneira mais “completa” na sociedade. Isso ocorre, de acordo com Magda Soares, porque “há a hipótese de que tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada” (2006, p. 36).

Contudo, é necessário salientar que um analfabeto pode exercer funções ou possuir conhecimentos que alguém considerado letrado não exerça ou possua, pois existem níveis de letramento; uma pessoa pode fazer uso de determinado gênero com eficácia, ou seja, ser letrado no mesmo, porém não conseguir operar com gêneros mais complexos, e isso se estende a ações e conhecimentos nas práticas sociais. “Conclui-se que há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” (SOARES, 2006, p. 48). Alguém que é analfabeto não deve ser tido como alguém que não é letrado. Alguns autores, como Marcuschi, preferem falar sobre *letramentos*, e não apenas letramento, pois acreditam na multiplicidade do letramento. Por exemplo, existem pessoas com letramento digital ou com letramento em mecânica.

Há alguns anos, a questão do letramento (ou dos letramentos) vem sendo ampliada a outras noções, pois a restrição do conceito de letramento às habilidades de leitura e escrita, no sentido estritamente verbal, não vai

atender à multiplicidade de representações linguísticas e de conhecimento circundantes na sociedade. É bem verdade que, como afirma Marcuschi (2011, p. 27), “trata-se de um mundo decididamente grafocêntrico”, pois o *status* conferido à escrita é historicamente presente em um mundo que cientificou os seus passos a partir da documentação, e esse mesmo poder destinado à escrita justifica questões sociais como o analfabetismo, que representa uma condição de não ter agência social, pelo não domínio da escrita. Por outro lado, Dionísio (2011, p. 138) destaca a relação cada vez mais estreita entre a escrita e as matérias de outra ordem modal, a visual: “vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual”. Daí a aparição na literatura específica de outras noções de letramento, como o *letramento visual*.

Essa guinada, se assim pudermos considerar, na perspectiva do letramento, reforça, na contemporaneidade, uma demanda histórica, pois, desde o primitivismo, a organização das comunidades se deu, também, pelo visual – vide as supracitadas pictogravuras pré-históricas. Trata-se, pois, de um homem que se constitui linguisticamente por modos múltiplos; trata-se de uma sociedade, constitutivamente, multimodal, sendo que as “infinitas possibilidades de orquestração entre imagem e palavra” (DIONÍSIO, 2011, p. 140) ocorrem concomitantemente a outros elementos cinésicos.

Se o agir em sociedade se dá por meio de gêneros – orais, escritos, *visuais* –, podemos afirmar que todos são, inevitavelmente, discursivos e multimodais. Contudo, Dionísio (2007) faz uma restrição:

“Observe-se que todos os gêneros textuais escritos (e orais) são multimodais, mas nem todos os gêneros visuais são multimodais. [...] Uma análise de gêneros apenas visuais como a fotografia envolve aspectos semióticos. Por exemplo, uma cena registrada numa foto informa muito ao leitor sobre o contexto situacional” (p. 185-186).

Uma foto por si só não é multimodal, “visto que ocorre apenas um modo de representação da informação, o pictorial” (Dionisio, 2007: p. 187). Uma fotografia, gênero visual prototípico por excelência, será multimodal quando inserida em objetivos distintos do registro momentâneo, isto é, quando coligada, por exemplo, a textos em um jornal ou a elementos intencionais como um gesto em um cartaz publicitário ou uma tipografia mais salientada em uma capa de revista. Isto é, a fotografia será multimodal se unida a modos.

Como afirma o teorizador da Gramática do Design Visual, Gunther Kress (2012), “unimos modos” e a união desses modos partirá do objetivo comunicativo de cada um e, mais ainda, da situação comunicativa na qual estamos inseridos. Nesse contexto, podemos falar de uma adequação multimodal. *Adequação* é um conceito extremamente destrinchado nas reflexões teóricas sobre escrita, oralidade e variação, no sentido em que somos seres linguísticos plásticos, nos moldamos a cada evento comunicativo, agindo por meio de gêneros. E assim, evidentemente, adequamo-nos multimodalmente, já que sempre nos exprimimos pela aglutinação de diferentes modos, conforme exemplifica Dionisio (2011, p. 142):

Os gestos, as expressões faciais, os movimentos corporais, o tipo de sorriso que o evento comunicativo congresso acadêmico me permite realizar, certamente encontram-se mais próximos de uma banca de defesa de doutorado, por exemplo, do que de um bate-papo, com um grupo de amigos...

Trata-se de uma adequação, antes de tudo, convencional: “Por exemplo, se quero comunicar algo muito formalmente, então, escrever talvez seja, socialmente, a melhor forma de fazê-lo. Parece que na sociedade temos disponíveis para uso os modos e suas convenções, que não são regras estritas...” (KRESS, 2013).

Até aqui citamos repetidamente a palavra *modo* ou o termo *multimodos*, mas o que seria, de fato, um modo? Kress (2013), afirma que: “modo é uma palavra que nos permite não utilizar ‘linguagem’ para tudo. Para não dizer ‘linguagem visual’, linguagem gestual ou dos *layouts*, digo que há diferentes modos”. *Modos* seriam, portanto, os recursos que materializam significados. Kress vai dizer ainda que “Modos são esses elementos produzidos socialmente e se tornam recursos culturais para gerar significados” e esse significado torna-se evidente e material se atentarmos ao modo de compreendê-lo, vê-lo, escutá-lo e até mesmo tocá-lo (2013).

Em linhas gerais, a multimodalidade é, se assim se pode afirmar, um conjunto de ferramentas, *recursos culturais*, *modos*, que oportunizam a leitura. Um analfabeto convive harmonicamente num *habitat* de leitores através dos meios multimodais. Todo cego pode “ver” (e ler) multimodalmente. O tato, os recursos auditivos, os aspectos sinestésicos e sensoriais, a interação humana são apenas alguns dos multimeios de se enxergar para além dos olhos. Gestos, entonações, expressões faciais são apenas alguns modos de se ler para além da apropriação da escrita.

Desse modo, percebemos que, mesmo com a falta de apropriação da ferramenta da escrita e com a inexistência de agência para uso de gêneros da escrita, os analfabetos podem ler o mundo através dos meios multimodais. Se colocássemos a vida em um diagrama de Venn² cujo tema é “leitura”, composto por dois conjuntos – letrados e analfabetos –, o ponto de intersecção entre tais conjuntos, isto é, o que há de comum entre letrados e não alfabetizados, seria a multimodalidade.

2. Tipo de diagrama constituído por formas geométricas, frequentemente por círculos, que, formando um ponto de intersecção, comparam características entre itens. Um conceito mais detalhado pode ser encontrado no capítulo “Diagrama”, da Série Verbetes Enciclopédicos, do PIBID Letras UFPE, publicado pela Pipa Comunicação, em 2013. <http://issuu.com/pibidletras/docs/serie-verbetes-enciclopedicos-volume1-desenho-anat/5>

Tal reflexão pode ser exemplificada a partir da leitura e análise da obra *O Leitor*. Trazendo o analfabetismo como um tema capital na condução de seu romance, Benhard Schlink constrói, meticulosamente, um interessante exemplo da relação social entre letrados e analfabetos, seja a partir da interação verbal, oral, visual, gestual ou pela leitura de mundo. Na análise que se segue, apontaremos trechos do livro e do filme, quando fidedignos, que fundamentem nosso ponto de vista.

3. Análise dos Dados

O Leitor é dividido em três partes. Na primeira, acompanhamos a relação entre Michael, estudante do ensino médio, e Hanna, uma mulher solitária que tem o dobro de sua idade, com a qual mantém um caso amoroso curioso: os encontros são ritmados entre sexo e leitura. Na segunda parte, após uma brusca separação, Michael, agora estudante de Direito, reencontra Hanna, como ré, em um julgamento contra nazistas – momento em que tanto o personagem central quanto o leitor ou espectador se dão conta de que Hanna é analfabeta. Na terceira parte, por fim, ocorre o processo de alfabetização de Hanna, em prisão perpétua, onde aprende a ler e escrever a partir de livros gravados por Michael e enviados por correspondência.

Percebe-se, pois, que a obra tem como fio condutor de sua trama a questão do analfabetismo. Mais que uma questão de clímax textual, de peripécia narrativa, já que culmina em uma reviravolta, a temática, na obra, vai levantar questões discursivas quanto à interação entre letrados e analfabetos e as implicações sociais que isso sugere. Analisaremos, a seguir, trechos do livro que suscitam tal temática e que demonstram como os aspectos multimodais permitem a relação letrado-analfabeto.

No decorrer do título, do livro e do filme, há uma série de evidências do analfabetismo de Hanna. A primeira delas é quando, após alguns en-

contros, pergunta o nome de Michael, que conclui: “Pensava que ela sabia [...] meu nome ficava ali nos cadernos, e também nos livros, que eu tinha aprendido a encapar com papel resistente e colado com etiqueta trazendo o título e o meu nome, mas ela não tinha prestado atenção nisso” (2010, p. 41). Outras evidências coincidem com a recusa de Hanna em ler os títulos:

Hanna: – Leia para mim!

Michael: – Leia você mesma, eu trago os livros.

Hanna: – Você tem uma voz tão bonita, menino, gosto mais de ouvir você do que ler sozinha.

Há sempre um movimento de esquiva por parte de Hanna, que mantém sua condição de analfabeta em segredo. Esse “segredo” não é revelado pela existência de um leitor. A agência de Michael, as múltiplas formas de leitura e, sobretudo, o fato do analfabetismo não ser algo próximo de sua realidade parecem afastar a desconfiança do personagem. Trechos capitais em que se evidenciam, linguisticamente, a dualidade entre a agência de Michael e falta de manejo de Hanna são as aparições de gêneros textuais, multimodais. O primeiro deles é o mapa:

“Não só eu estava ansioso pela viagem. [...] Quando quis mostrar-lhe no mapa a rota que tracei, ela não quis ouvir nem nada” (SCHLINK, p. 60, 2010).

Mais adiante, Hanna entra em conflito com Michael devido à saída dele enquanto ela dormia, quando ele justifica ter deixado um bilhete. Ao que ela questiona:

Hanna: – Bilhete?

A pergunta, sabendo-se que a personagem é analfabeta, passa a ter uma dimensão social: até que ponto ela teria noção da funcionalidade de um bilhete, ou melhor, trata-se apenas de um questionamento ou de um dado sobre a (falta de) familiaridade com o gênero discursivo escrito? O mesmo ocorre com o gênero cardápio, cuja inserção ocorreu na transposição para o cinema, onde a passagem do bilhete foi suprimida. Em uma determinada cena do filme, Michael, gentilmente, pergunta o que Hanna vai comer, mas ela, mais uma vez, consegue safar sua condição:

“Peça você. Eu o acompanho”.

Ele faz o pedido enquanto Hanna observa a mesa ao lado, onde crianças leem e brincam com seus cardápios. O filme (e o livro) parece destacar a ideia de analfabetismo como aspecto de “menoridade”, de incapacidade, o que é salientado pelo contraste entre as crianças leitoras e Hanna, adulta, precisando do auxílio de um leitor.

Nota-se, assim, um fator comum na relação social entre um letrado e um analfabeto: é o letrado que assume o papel de guia, enquanto que o analfabeto, naturalmente, se permite ser guiado, visto que se trata, socialmente, de uma condição de “inferioridade”.

Por outro lado, há outras passagens da obra que demonstram como um analfabeto pode conviver harmonicamente em situações letradas, apoiados pela interação humana. No filme, a questão da leitura multimodal é retratada, por exemplo, quando Michael lê para Hanna com nuances de voz e a personagem, envolta no universo da leitura, permite se emocionar e

até repudiar os trechos que escuta. Estamos tratando de algo que permeia todo o romance (e o drama cinematográfico), que é a função de Michael anunciada no título, o leitor: os instantes em que ele lê para Hanna, que, como ouvinte, mesmo sem possuir a agência de manusear a ferramenta da escrita, não se mantém inerte, mas atenta e participante à leitura que faz auditivamente, pela voz de Michael, ou seja, Hanna, analfabeta, lê multimodalmente:

Anteriormente, na página 50, Michael, narrador-personagem, já evidencia as qualidades de Hanna como ouvinte, a partir da leitura da peça *Emília Galotti*, já que Hanna mesmo sem poder ler o mundo verbal é guiada pela leitura verbal de Michael:

[...] Ela era uma ouvinte atenta. Seu riso, seu suspiro desdenhoso e suas exclamações de indignação ou aplauso não deixavam nenhuma dúvida de que acompanhava a ação com excitação e de que considerava tanto Emília quanto Luise garotas tolas. A impaciência com que pedia que continuasse a ler vinha da esperança de que a tolice tinha de acabar finalmente. (SCHLINK, 2010).

Na segunda parte do enredo, quando se destrincha o julgamento de Hanna, Schlink torna mais latente as questões de poder que envolvem a aquisição e a não aquisição da leitura e da escrita, ou seja, as condições de letramento e não letramento³. Aqui, insere-se um gênero discursivo de maior “prestígio social”, grafocentrista, que é o relatório, ponto crucial no

3. Utilizamos *não letramento* tendo em vista que, conforme estamos querendo demonstrar, um analfabeto não deve ser considerado plenamente iletrado – a interação humana e os meios multimodais podem invalidar esse conceito.

juízo, quando Hanna não assume a incapacidade de ler e escrever, fadando-se à prisão perpétua:

Hanna: – Minha letra? Os senhores querem a minha letra...

O juiz principal, o promotor e o advogado de Hanna discutiram se a letra de uma pessoa podia manter a identidade e ser reconhecível num intervalo de mais de quinze anos. Hanna ficou ouvindo e tentou várias vezes dizer ou perguntar algo, estando perceptivelmente alarmada. Então disse:

Hanna: – Os senhores não precisam buscar nenhum perito. Eu confesso que escrevi o relatório. (p. 144, 2010);

Assim, na terceira parte do livro, quando Michael volta a se comunicar com Hanna através da leitura, sendo que por meio de gravações, percebemos mais claramente o papel da multimodalidade como intersecção nessa interação. Isso ocorre pois Hanna passa a alfabetizar-se a partir dos livros gravados e enviados por Michael. Um dos momentos mais emblemáticos, tanto no livro como no filme, é quando a personagem, ouvindo as gravações da obra *The Lady with a little dog* (de Anton Chekhov) e grifando, correlatamente, um exemplar da biblioteca penitenciária, aprende a ler e escrever o artigo *the*.

Então, há uma cadeia de acontecimentos que retrata a passagem de Hanna entre as condições de analfabeta para alfabetizada: primeiramente, ela continua a exercer o papel de ouvinte leitora; em seguida, passando a acompanhar as gravações com exemplares dos livros, inicia um processo de aquisição da leitura que desemboca na escrita: nas primeiras correspondências a confirmação de recebimento no protocolo penitenciário era

apenas um rabisco, ao fim já era uma assinatura completa – *Hanna Schimtz*. Nesse processo de “autoalfabetização”, Hanna passa, inclusive, a dominar gêneros com os quais não tinha nenhuma familiaridade:

“No quarto ano do nosso contato rico em palavras e sem palavras veio um bilhete. ‘Menino, a última história foi especialmente bonita. Obrigada. Hanna.’ (SCHLINK, p. 205, 2010)

Aquisição da escrita, dessa maneira, configura o grande evento dentro da obra, pois instaura alteração e construção de traços identitários e é colocada em xeque a própria máxima cultural de que a alfabetização ocorre no ambiente escolar, já que Hanna alfabetiza-se, sem instruções formais, mas com intermédio de recursos multimodais. A própria concepção de analfabetismo, mais que um conceito, uma ideologia, é vastamente discutida na obra quando se reflete, por meio da personagem, a realidade de inúmeras pessoas – a ocultação do analfabetismo, já que se trata de um aspecto real na maioria das sociedades. Além disso, a guinada que a personagem vive, passando a adquirir, verdadeiramente, uma identidade enfatiza a necessidade de reflexão, quando o analfabetismo, na obra, é tomado como uma questão imprescindível de agência social, questão, aliás, tratada abertamente pelo narrador-personagem:

Eu tinha lido tudo o que pude achar sobre o analfabetismo durante todos aqueles anos. Sabia do desamparo diante de atividades cotidianas que exigiam a leitura, para achar um caminho ou um endereço ou para escolher um pedido no restaurante, sabia da angústia com que o analfabeto segue os modelos já dados e a rotina controlada, e da energia que é exigida para ocultar a incapacidade de ler e escrever, desperdício de energia vital. Analfabetismo é menoridade. À medida que Hanna tivera a disposição de aprender a ler e escrever, dera o passo da menoridade para a maioridade, um passo de esclarecimento. (SCHLINK, 2010, p.206)

É possível, então, fazer uma ligação entre ficção e realidade, entre teoria linguística e literatura. Fazendo um paralelo com Soares temos que “[...] o analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedades letradas e, mais que isso, grafocêntricas [...]” (SOARES, 2006, p. 20).

4. Considerações Finais

Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em meio em que a leitura e escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado escreva (...), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2006, p.24).

A obra, *O Leitor*, apesar de ser uma ficção, nos mostra, em termos reais, o quanto é possível um analfabeto transitar entre meios que necessitam de conhecimento de leitura e de escrita, fazendo com que a noção de uma pessoa iletrada – aquela que não possui quase nenhum conhecimento “literário”, que é analfabeta ou quase completamente analfabeta – não exista em sua totalidade, pois um indivíduo consegue circular em um meio letrado através da interação social e pelos meios multimodais. Apesar disso, o analfabeto ainda sofre e passa por vários constrangimentos ao longo de sua vida, representando, assim, uma temática presente e uma discussão necessária em sociedades que precisam fortalecer suas políticas de educação para não só alfabetizar, mas também construir sujeitos que possam agir socialmente, transformando sua realidade e exercendo papéis nas comunidades em que estão inseridos. A fala de Soares, posta como epígrafe dessa conclusão, parece resumir o fio discursivo presente no nosso objeto de análise, na narrativa de *O Leitor*, além de fundamentar nossa motivação teórica que diz respeito à não plenitude do analfabetismo, já que um analfabeto assume papéis de letrado quando interage socialmente e, inevitavelmente, multimodalmente.

Referências

- BAZERMAN, C. *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2011.
- DIONISIO, A. P. *Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita* In: Org.: MARCUSCHI, L. A. e DIONISIO, A.P. *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (pp. 178- 205)
- DIONISIO, A. P. *Gêneros Textuais e Multimodalidade*. In: Org: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. e BRITO, K. S. *Gêneros Textuais- Reflexões e Ensino*. São Paulo: Editora Parábola, 2011. (p. 137-152).
- KRESS, G. *Multimodality: Key Concepts*. - Instituto de Educação da Universidade de Londres, 2011. Entrevista. In: *Coletânea de Vídeos Gunther Kress*. Org.: DIONISIO, A. P. Tradução de Larissa Cavalcanti e Lúcia Boderman. PIBID Letras: UFPE, 2013. <http://www.pibidletras.com.br/cine-letras/gunther-kress/>

- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: Configuração, Dinamicidade e Circulação*. In: Org: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. e BRITO, K. S. *Gêneros Textuais- Reflexões e Ensino*. São Paulo: Editora Parábola, 2011. (p. 17-31)
- MINGHELLA, A.; POLLACK, S.; DALDRY, S. *The Reader* [Filme-vídeo]. Produção de Anthony Minghella e Sydney Pollack, direção de Stephen Daldry. Estados Unidos/ Alemanha, 2008. 1 DVD, 124 min.
- SCHLINK, B. *O Leitor*. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SOARES, M. *Letramento: Um Tema em Três Gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Recebido em: 30/04/14

Aceito em: 24/09/14